

A AMBIÊNCIA LABORATORIAL DA QUÍMICA VISTA NAS FALAS JUVENIS

Clayte de Paula Azevedo¹

RESUMO: Este artigo trata da percepção que @s² jovens alun@s têm da ambiência laboratorial da Química. Pelo visto em suas falas, presume-se que o espaço vivido no interior do “laboratório de Química” do curso técnico em Química do Cefet-MT difere daqueles da aglomeração humana que @s envolviam anteriormente, e que se trata de um espaço-tempo diferenciado construído por el@s, por comportarem vários aspectos sagrados. Como falar de uma dimensão sagrada no “espaço laboratorial” se não se falar em uma “dimensão oculta” para a sociedade? Enxergar este espaço através das falas juvenis é reverenciar com el@s o sagrado.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiência, sagrado, juvenis.

ABSTRACT: This paper presents the young students' perception about the Chemistry environmental laboratory. When listening to their voices it is assumed that the shared space inside the “chemistry laboratory” of the Chemistry technician course at CEFET-MT differs from the human gathering environment that previously involved the studied subjects. They constructed a differentiated space-time for keeping on some sacred aspects. How to speak about a sacred dimension in the “laboratorial space” if an “occult dimension” is not revealed for the society? Perceiving this space through their youth discourse is reverencing with them the sacred dimension.

KEYWORDS: Ambience, sacred, juveniles.

1 Mestre em Educação, pela UFMT; professor do Curso de Especialização do Cefet-MT. E-mail: claytedepaula@yahoo.com.br.

2 Nota da organizadora: certas áreas do conhecimento, por uma questão de gênero, referem-se aos dois sexos separadamente, por exemplo, o jovem e a jovem, o professor e a professora. Nesta publicação, para evitar redundâncias, utilizou-se o (@) em respeito aos autores que optam por este registro, portanto, sempre que aparecer, significa a alusão tanto ao gênero masculino quanto ao feminino.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado feita de março de 2005 a março de 2007, com a juventude egressa do curso técnico em Química do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (Cefet-MT), no período de 2001/1 a 2003/2, e desenvolvida no Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia (GPEJD) pertencente ao Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Instituto de Educação (IE), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Sua intenção central é desenhar o ambiente laboratorial, por meio das falas juvenis, para revelar a experiência vivenciada no laboratório de Química. Para a análise, foram utilizados os referenciais teóricos: antropológico, com os autores Mary Douglas, Roberto Da Matta, Victor W. Turner, Arnold Van Gennep e Mircea Eliade, que estudam rito; e sociológico, com Pierre Bourdieu (1974; 1975; 1983; 1996; 1999; 2004; 2005). Também foram utilizadas fotos de alunos no laboratório de Química com a função de ilustrar e enriquecer a análise das falas, porém não se trata d@s jovens entrevistad@s na pesquisa.

Os depoimentos foram colhidos através de entrevistas semi-estruturadas com seis alun@s (três do sexo feminino e três do masculino), que aceitaram falar de sua experiência de vida no interior do laboratório de Química do curso técnico em Química do Cefet-MT. A faixa etária oscila de 20 a 23 anos. Foram-lhes atribuídos nomes fictícios: Raquel (21 anos); Milena (22 anos); Pâmela (22 anos); Júlio (20 anos); Wagner (22 anos) e Marcos (23 anos).

A TRANSCRIÇÃO DAS FALAS JUVENIS NA LEITURA DE PIERRE BOURDIEU

Durante a transcrição dos depoimentos, pode-se vislumbrar o encantamento d@s jovens ao adentrar o laboratório em sua primeira aula prática, que também se traduz como o despertar para o conhecimento

prático da Química. Como bem acentua Pierre Bourdieu (2004), ocorre um apuramento das bagagens sociais no estado dos capitais cultural, social, simbólico e econômico, na forma de um texto transcrito, em que o papel do pesquisador o faz ter

[...] a função de lembrar as condições sociais e os condicionamentos, dos quais o autor do discurso é o produto, sua trajetória, sua formação, suas experiências profissionais, tudo o que se dissimula e se passa ao mesmo tempo no discurso transcrito, mas também na pronúncia e na entonação, apagadas pela transcrição, como toda a linguagem do corpo, gestos, postura, mímicas, olhares, e também nos silêncios, nos subentendidos e nos lapsos (BOURDIEU, 1999, p. 10).

É difícil conseguir fazer com que @s entrevistad@s digam as verdadeiras respostas, pois sempre tentam se defender da invasão que uma entrevista faz em sua vida. Neste trabalho, isso se relativiza pelo fato de o pesquisador conhecer @s jovens, compartilhando histórias no mesmo espaço social, e também porque as perguntas foram ao encontro de suas vivências e ao que o pesquisador procurava. Ainda segundo Bourdieu (op. cit., p. 9):

Como, de fato, não experimentar um sentimento de inquietação no momento de tornar *públicas* conversas *privadas*, confidências recolhidas numa relação de confiança que só se pode estabelecer na relação entre duas pessoas? Sem dúvida, todos os nossos interlocutores aceitaram confiar-nos o uso que seria feito de seus depoimentos. Mas jamais houve um contrato tão carregado de exigências tácitas como um contrato de confiança. Devíamos, pois, cuidar primeiramente de proteger aqueles que em nós confiaram (especialmente mudando, muitas vezes, as indicações, tais como nomes de lugares ou de pessoas que pudessem permitir sua identificação); mas convinha também, a acima de tudo, procurar colocá-los ao abrigo dos perigos aos quais nós exporíamos suas palavras, abandonando-as, sem proteção, aos desvios de sentido.

Enfim, “a intervenção do analista é tão difícil quanto necessária: ela deve ao mesmo tempo declarar-se sem a menor dissimulação e trabalhar sem cessar para fazer-se esquecer (ibid.)”.

A análise fará uso de eixos temáticos que organizaram as falas juvenis. Em um primeiro momento, será apresentada cada experiência vivenciada no laboratório de Química, organizada em cinco eixos temáticos: 1. a véstia sacralizada; 2. o contato com o sagrado da ambiência laboratorial; 3. o conhecimento das ornamentações da ambiência laboratorial; 4. o contato direto com os ornamentos da ambiência laboratorial; 5. da sedução professoral na ambiência laboratorial. Já em um segundo momento, no sexto eixo, será feita uma junção dos cinco eixos anteriores a fim de obter: 6. os ritos vivenciais juvenis na ambiência laboratorial.

A VÉSTIA SACRALIZADA

A véstia própria do local social é o jaleco, constituído de tecido branco, de mangas longas e de comprimento até o joelho, quesitos exigidos para a entrada na ambiência laboratorial. Pela exigência deste requisito indispensável, esse espaço é visto como tabuado, reservado, sendo possível caracterizá-lo como um santuário, pois, para entrá-lo, é necessário vestir-se apropriadamente, retirando as impurezas, cobrindo-se de branco, como se o sujeito realizasse uma purificação. O jaleco torna-se então uma espécie de “capa protetora” de possíveis males que podem existir no interior deste ambiente, como se pode constatar claramente através da fala de Júlio:

Eu acho que foi depois que passou uma semana que eu fui no primeiro dia! Aí vesti o jaleco! Pela primeira vez! Ah, o máximo! Fazer uma aula com o jaleco! Nossa! Você se sente totalmente superior aos outros, não sei! É uma coisa que a gente sente bem assim! Eu tô fazendo Química! Olha, aquela coisa que senti, é como se você vestisse uma capa de super-homem! Você se sente o máximo! É como se aquela capa te protegesse de tudo: o jaleco, entendeu? Fosse uma capa mágica!

Protetora e tal. Mas é interessante que você se sente algo mais! Parece que você se sente mais responsável, parece que você tá fazendo a coisa certa, tá se protegendo.

Para Marcos, colocar o jaleco é incorporar-se ao ambiente do laboratório, envolver-se no assunto da Química e estar certo:

Na hora que coloca o jaleco, fica todo mundo se achando! Incorpora mais você no ambiente do laboratório: porque, quando você faz [o curso] técnico em Química, você veste um jaleco! Dá assim uma sensação que você está realmente envolvido no assunto da Química! Então, quando eu entro no laboratório e, quando você não usa o jaleco, parece que você não está certo.

Para Raquel, a noção de uso do jaleco reside na sua proteção individual e pureza:

Muita gente anda com o jaleco pendurado, e eu não tive essa noção de jaleco lá no Cefet-MT, e não ando com ele pendurado, ou à mostra, passando nas pessoas! É dobrado dentro da minha bolsa, pra não encostar nas pessoas! Porque é uma proteção minha, então eu não ando pra mostrar! Hoje, eu tenho essa noção de proteção.

Pâmela vivenciou uma misto de pureza e status incorporado no objeto jaleco:

Engraçado lembrar disso! Você se sente... Assim! Cheio! Estufado! Mas assim sente o jaleco! Quando ia pra laboratório, ainda mais [porque] os professores sempre falavam: 'Por favor, químicos, não vamos andar de jaleco em ônibus, fora, jaleco é para laboratório. E você às vezes até sai! Com o jaleco! Fala: eu faço o curso técnico de Química'.

O ambiente apresenta perigo, por isso requer que aquel@s que o adentrem se purifiquem e se cubram para retirar a poluição do corpo e

a que @s rodeia, para daí sentir a experiência social e cultural de usar um jaleco. @ jovem se torna parte dele, participa dele – do seu branco, do seu sagrado – e do status que proporciona:

Não há itens de vestuário, alimentos ou de outros usos práticos dos quais nos apoderamos como adereços teatrais para dramatizar a maneira pela qual queremos apresentar nossos papéis e a cena que estamos representando. Tudo que fazemos é significativo; nada existe que não possua seu peso simbólico consciente (DOUGLAS, 1976, p. 124).

Figuras 1 e 2. Jovens Trajando Véstias³.



A Figura 1 ilustra a vésia. Observe as inscrições em sua parte superior: no lado direito, está escrito o nome do jovem; no lado esquerdo, no bolso, ‘Química’. Neste fato, nota-se o status atribuído ao jovem. Já a Figura 2 ilustra a vésia completa. Percebe-se que a união das características materiais e simbólicas personifica o quadro comportamental desta juventude ao vivenciar/incorporar o papel social de estudantes do curso técnico em Química do Cefet-MT.

³ Todas as fotos foram tiradas pelo pesquisador.

Douglas (1976, p. 149) fala a respeito do contato das “margens” do corpo com o social e o cultural. A vestia revela a experiência juvenil personificada na postura e no comportamento:

[...] todas as margens são perigosas. Se são empurradas desta ou daquela maneira, a forma da experiência fundamental é alterada. Qualquer estrutura de idéias é vulnerável em suas margens. Deveríamos esperar que os orifícios do corpo simbolizassem seus pontos especialmente vulneráveis. O que sai deles é material marginal da mais óbvia espécie. Saliva, sangue, leite, urina, fezes ou lágrimas, atravessaram, pela simples saída física, o limite do corpo. Assim, também, as coberturas do corpo, a pele, a unha, mechas de cabelo e o suor. O erro consiste em tratar as margens corporais isoladamente de todas as outras. Não há razão para atribuir qualquer primazia à atitude do indivíduo com relação à sua experiência física e emocional, mais do que a sua experiência social e cultural. Esta é a chave que explica a irregularidade com que diferentes aspectos do corpo é tratada nos rituais do mundo.

Diante da “capa protetora” colocada por Júlio e do modo sublime como @s outr@s jovens também vivenciaram tal interação física e simbólica com a vestia, pode-se dizer que:

Como um animal social, o homem é um animal ritual. Se o ritual é suprimido de uma forma, ele aparece inesperadamente em outra, tão mais forte quanto mais intensa for a interação social. Sem cartas de condolência, telegramas de congratulações ou mesmo cartões-postais ocasionais, a amizade de um amigo que está longe não é uma realidade social. Ela não tem nenhuma existência sem os ritos de amizade. Os rituais sociais criam uma realidade que não seria nada sem eles. Não é exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as palavras são para o pensamento. Pois é bem possível conhecer alguma coisa e então encontrar palavras para ela. Mas é impossível ter relações sociais sem atos simbólicos (ibid., p. 80).

O CONTATO COM O SAGRADO DA AMBIÊNCIA LABORATORIAL

No segundo eixo, em função da interpretação das falas juvenis, foi possível obter o desenho do ambiente laboratorial como algo puro e sagrado.

O contato d@s jovens com a ambiência laboratorial foi marcado pela inconfundível cor branca, estampada em todas as paredes do local e nos azulejos que guarneciam as bancadas feitas de uma armação em concreto revestida de azulejos na mesma branca, a fim de oferecer um suporte mais resistente para as aulas práticas de laboratório. Assim edificada no interior deste local, é possível vê-la como uma espécie de altar para a manipulação das “experiências químicas”⁴. Nota-se a organização extrema dos objetos: não há objetos jogados no chão e nas bancadas, o que reafirma a santificação do local, limpo e despoluído⁵, em uma ordem ostentada que leva à exclusão completa da sujeira. Simbolicamente, a sujeira conota desordem; eliminá-la é um esforço positivo para organizar o ambiente. De fato, não há sujeira absoluta, ela existe para os olhos de quem a vê:

No processo da imposição da ordem, seja na mente ou no mundo exterior, a atitude para com pedaços e partes rejeitados passa por dois estágios. Primeiro estão, reconhecidamente, fora de lugar, uma ameaça à boa ordem, e, assim, são considerados desagradáveis e varridos vigorosamente. Neste estágio têm alguma identidade: podem ser vistos como pedaços indesejáveis oriundos de seja lá o que for: cabelo, comida ou embrulho. Este é o estágio em que são perigosos; sua semi-identidade ainda adere-se a elas e a claridade da cena na qual se intrometeram é prejudicada pela sua presença. Mas um longo processo de pulverização, decomposição e putrefação aguarda qualquer coisa física que tiver sido reconhecida como suja. No fim, qualquer identidade desapareceu. A origem dos vários pedacinhos e partes está perdida e entraram na massa

⁴ Ensaio científico para a verificação de um fenômeno químico.

⁵ O sentido estende-se a imaculado, sem manchas, puro.

do lixo comum. É desagradável remexer no refugio para recuperar algo, pois isso restaura a identidade (ibid., p. 194).

A cor branca, somada à organização extrema dos objetos, possibilita analiticamente desenhar um interior santificado (Figuras 3, 4 e 5).

Figura 3. Ambiência Laboratorial Vista do Fundo.



Figura 4. Ambiência Laboratorial Vista de Frente.



Observe que a porta de entrada (no canto direito das Figuras 3 e 4) separa a dimensão do mundo sagrado vivido no interior do laboratório de Química da dimensão do mundo profano vivido no exterior, na vida em sociedade.

A fala de Milena anuncia publicamente, com solenidade e em voz alta, sua primeira visão do laboratório: “*É diferente! Eu nunca tinha visto um laboratório de Química! Aí, a professora Marilu, se eu não me engano, apresentou. Achei interessante o ambiente. Tudo limpo!*”.

Figura 5. O Contato Juvenil com a Ambiência Laboratorial.



Para Milena, o “limpo” é um lugar onde não há diferenciação, não há contaminação:

Enquanto a identidade está ausente, o lixo não é perigoso. Também não cria percepções ambíguas, pois pertence, claramente, a um lugar definido, um monte de lixo de uma espécie ou outra. Até os ossos dos reis enterrados suscitam pouca admiração e o pensamento de que o ar está cheio de restos mortais de defuntos de raças passadas não possui nenhum poder para comover. Onde não há diferenciação, não há contaminação (DOUGLAS, 1976, p. 194-195).

Para a jovem, o “limpo” no ambiente laboratorial é “interessante” e diferente dos ambientes freqüentados anteriormente, pois possui identidade ausente de “sujeira”, logo não acarreta “perigo” e nem vai criar percepções ambíguas: ela quer estar no local.

Agora, observe, incorporado na fala de Júlio, o adentrar no laboratório, a visualização da ostentação do local sagrado e o alarde acerca das ações e qualidades deste espaço:

Mas o meu primeiro impacto! Quando eu abri a porta! Que eu entrei! Fiquei meio que... Achei tudo certinho! Tudo organizado! Tudo no lugar! Com as bancadas branquinhas! Fiquei... Nossa! Superinteressante isso! Aquela coisa tudo organizada, tudo etiquetado, balãozinho ali, aquelas coisas! Reagentes e tal! Foi uma adentrada no ambiente assim! Eu gostei do ambiente! Da organização! Eu falei... Eu quero tá aqui. Você entra num lugar, você vê assim, tá bagunçado, tá sujo, ah! Eu não quero tá aqui, não. Eu quero tá em outro lugar, não é uma coisa assim! Aí eu vi aquela coisa organizada ali, limpa! Impecável! Eu vou tá aqui! É o ambiente que eu quero tá mais.

A Figura 6 ilustra a organização dos objetos, vislumbrada por Júlio. Frascos plásticos e recipientes de vidro são etiquetados (ou rotulados) para a fácil identificação e colocados separadamente sobre o papel-toalha, que os isola individualmente ou em grupos distintos, sobre o magnífico branco da bancada, que reafirma a organização.

Figura 6. A Organização dos Objetos.



Júlio vê a “organização” e o “branco” como algo bom, distinto do “perigo” da “sujeira”, como bem disse: “*quero estar aqui, neste espaço de pureza*”. Ele quer estar longe do perigo da “sujeira”. Quer, sim, estar no “limpo”.

Neste último estágio de desintegração total, a sujeira é completamente indiferenciável. Assim, um ciclo foi completado. A sujeira foi criada pela atividade diferenciadora da mente, é um subproduto da criação da ordem. Assim, ela começou de um estado de não-diferenciação; através do processo de diferenciação, seu papel foi o de ameaçar as distinções feitas; finalmente, retorna a seu verdadeiro caráter indiscriminável. A falta de forma é por isso um símbolo adequado do começo, do crescimento, assim como da decadência (ibid., p. 195).

Assim, Júlio viu a “ordem” no local laboratorial pelas “formas” de organização e limpeza, diferente dos ambientes de “perigo” figurados na “sujeira” vivenciados anteriormente, o que o impressionou profundamente.

Na ambiência laboratorial do curso técnico em Química do Cefet-MT, tudo é feito na prática, que é socializar-se com o conhecimento da Química, os objetos e as pessoas, realizando um processo de triplo diálogo. Este fato justifica o gosto de Pâmela:

Eu gostei muito do curso técnico em Química! Principalmente a parte prática: é a parte laboratorial! Acho que auxiliou muito a disciplina, a organização. Que isso, você sabe: você não leva só para um laboratório! Você leva para o seu dia a dia! Nós precisamos realmente! E que é difícil ter aquela disciplina! Aquela organização! Ter a busca por isso! Isso auxiliou bastante.

A garota aponta para a “dificuldade” de encontrar a pureza na sociedade. Mary Douglas (1976, p. 196) afirma:

A busca da pureza é perseguida pela rejeição. Segue que, quando a pureza não é um símbolo, mas algo vivido, deve ser pobre e improdutivo. Faz parte de nossa condição que a pureza pela qual lutamos e sacrificamos tanta coisa se torne difícil e morta como uma pedra, quando a obtemos [...] Outra coisa é tentar e fazer de nossa existência uma forma lapidar

inalterável. A pureza é inimiga da mudança, da ambigüidade e comprometimento. Na verdade, muitos de nós nos sentiríamos mais seguros se nossa experiência pudesse ser inflexível e fixada na forma.

A ambiência laboratorial, local do socializar-se, auxiliou Pâmela na busca da disciplina e organização pessoal. E isso ela incorporou ao seu cotidiano.

Este espaço exerceu um impacto n@s jovens, conforme demonstram suas falas, pois aguçou a capacidade de sentir o material e o sobrenatural através dos cinco sentidos. Por exemplo, ao perturbar a vista, causando perplexidade, espanto, admiração... No silêncio, há concentração e compreensão da Química. Aspiram-se odores no ar interior e prova-se o sabor das coisas permitidas. Ambiente do “não toque” e do “só toque o permitido” – interdição ritual, novidade, sedução, fascínio e encanto... Existe a sensação de segurança dentro deste espaço de pureza do branco e de ordem dos ornamentos que ostenta entre as quatro paredes; logo, distancia-se dos espaços de perigo e desordem, possibilitando caracterizá-lo de sagrado. Douglas (op. cit., p. 16-17) ainda afirma que “a reflexão sobre a sujeira envolve reflexão sobre a relação entre a ordem e a desordem, ser e não ser, forma e não-forma, vida e morte. Onde as idéias de sujeira são altamente estruturadas, sua análise revela um jogo sobre temas tão profundos”.

O CONHECIMENTO DAS ORNAMENTAÇÕES DA AMBIÊNCIA LABORATORIAL

No terceiro eixo, pelos depoimentos, foi possível obter o desenho do ato de conhecer as ornamentações no interior da ambiência laboratorial. A palavra “ornamentação” remete ao sentido de embelezar, no entanto, seu nome técnico, na Química, é “vidrarias”.

Observe o quadro ritual armado ao redor da bancada (Figuras 7 e 8). A atenção, o cuidado e o jeito de pegar delineiam o sublime contato dos jovens com as vidrarias, que são recipientes usados para a manipulação de

“reagentes químicos”⁶, de “reações químicas”⁷ e de “análises químicas”⁸. Portanto, o contato requer, inicialmente, muito cuidado, pois os recipientes são feitos de vidro, podendo se quebrar, então requerem cuidado por parte do manipulador. Nos primeiros contatos, são comuns frases do tipo:

Antes de a gente entrar no laboratório, o professor Aquin, fez assim aquele suspense! Tipo: ‘Ah, não pegue em nada! Não toca nisso! Cuidado com isso! Isso queima!’ Quando a gente entrou, ele colocou a vidraria assim em cima de uma bancada, começou a falar o nome, e a gente louco pra pegar! E ele: ‘Não, não pegue em nada! Pode quebrar!’ E eu louca, linda de jaleco, querendo mexer em tudo! E ele não deixava (Raquel).

Figuras 7 e 8. O Contato com as Vidrarias.



- 6 Denominação dada à espécie química que, em contato com outras espécies químicas, ou ainda em presença de energia, sofre um fenômeno químico.
- 7 Denominação dada à transformação que uma substância sofre em sua constituição íntima, quer pela ação de outra substância, quer pela ação de um agente físico como calor, luz, eletricidade, etc.
- 8 Processo de identificação e determinação dos elementos que formam um composto. Por exemplo, na Química, há as análises qualitativa e quantitativa.

O laboratório de Química abriu-se e então a jovem Raquel passou pela moldura, atravessando o degrau, a viga e os umbrais da porta, condição ritual necessária para ela entrar num outro ambiente, totalmente distinto de seu mundo profano, pela primeira vez, ainda como um ser impuro, que não conhece as regras ritualísticas do local. O sábio deverá apresentá-las primeiro, para que a cerimônia de iniciação no rito tenha início, portanto é estritamente proibido “tocar”, com o acarretamento de sanções. Se o ritual não for seguido nos mínimos detalhes que o regem, o ambiente limpo (puro) pode tornar-se sujo (perigoso):

A análise do simbolismo ritual não pode começar até reconhecermos o ritual como uma tentativa de criar e manter uma cultura particular, um conjunto de pressupostos através do qual a experiência é controlada. Qualquer cultura é uma série de estruturas relacionadas que abrangem formas sociais, valores, cosmologia, o todo do conhecimento e, através da qual toda experiência é mediada (DOUGLAS, 1976, p. 157).

Os jovens, antes do contato com as vidrarias no interior da ambiência laboratorial, eram seres limiares. Isso significa que estavam na soleira da porta, na entrada, no começo, simbolizando o início de um novo status. Por isso, a advertência de não tocar e a sinalização do perigo. A experiência não é simples. Primeiro, o rito tem que ser iniciado, com a orientação do mais sábio, que oferece as coordenadas, e só então é permitido que a manceba tenha um contato físico com os objetos do local.

Pela primeira vez, você sente um pouco de medo! No início! Medo de quebrar as vidrarias! Tem que ter um certo cuidado! Ainda você não sabe ao certo para que serve. Aí, você tem os esclarecimentos e, depois, com as aulas práticas, você vai pegando o jeitinho do laboratório. Mas você tem que aprender! Você está no laboratório para aprender! A hora de errar é ali! Então, sempre ter cuidado (Pâmela).

Pelo relato, observa-se que, com o passar do tempo no interior da ambiência laboratorial, ela vai aprendendo, cercada de muito cuidado e persistência. Ao final dos ritos vivenciais de conhecimento das vidrarias, a “perfeição” no “saber fazer” e na “postura laboratorial” é adquirida pel@s jovens, conforme atesta a fala de Júlio:

Pela primeira vez, assim, eu errei também como todo mundo erra! Pegar uma coisa errada ou misturar uma coisinha errada! Acho que, para a gente, foi a parte de conhecer! De pegar! Saber: isso é para filtração; essa é para... Esse foi o primeiro contato das vidrarias. Mais a parte da manipulação! No decorrer do curso, eu aprendi muita coisa! Muita coisa mesmo! Manipular! Lavar! Guardar! A utilização de qualquer tipo de vidrarias! Essa bagagem, essa aprendizagem forte que eu tive facilitou muito! Perfeito! Sabendo o que eu tenho que fazer! Como eu tenho que me portar no laboratório! O curso técnico em Química do Cefet-MT me facilitou muito nisso, em aprender! Ter essa postura no laboratório! Saber fazer as coisas corretamente.

O CONTATO DIRETO COM OS ORNAMENTOS DA AMBIÊNCIA LABORATORIAL

No quarto eixo, foi possível obter o desenho do contato juvenil com a ornamentação da ambiência laboratorial, no ato de exercer o sentido absoluto do tato (Figura 9).

Reagentes são substâncias usadas nos experimentos químicos. No laboratório de Química, existem vários tipos, conhecidos como “espécie química” que, posta em contato com outras espécies químicas, ou ainda em presença de energia, sofre um fenômeno químico.

Figura 9. O Contato com os Reagentes.



A Figura 9 ilustra o cuidado do jovem ao pegar nos frascos contendo reagentes químicos e o jeito que os manipula. O contato direto com eles desperta os sentidos, a curiosidade, leva para além do profano, transporta para o mundo sagrado, conforme nos relata Marcos:

A primeira vez é geral: uma tensão assim... Incrível! Tudo que acontece! Parece que está acabando! Você tem que ficar atento a tudo o que acontece! Como que os alunos reagem assim, dessa maneira? Uma vez, a gente estava numa aula do professor Josias! O professor Josias colocou um frasco de ácido lá! Ácido clorídrico, em cima da bancada, pra gente pegar rótulo, ver se estava vencido, se não estava, examinar o frasco por fora. O regente que estava dentro do frasco era ácido puro! Era ácido clorídrico! Aí eu peguei e fui, destampeí o frasco pra ver se tinha cheiro. Na hora que abriu... Ficou aquele negócio!

DA SEDUÇÃO PROFESSORAL NA AMBIÊNCIA LABORATORIAL

No quinto eixo, foi possível obter o desenho do contato juvenil com @s professor@s sacerdotisas e sacerdotes, ou seja, aquel@s que cumprem uma missão muito elevada ou exercem honroso ofício. A sedução no ambiente

laboratorial levou os jovens a perceber @s professor@s como modelos.

Esta identificação, segundo Levenfus (2004, p. 120), está diretamente vinculada à autopercepção dos papéis sociais ao longo do tempo e “[...] se estabelece com base nas identificações com figuras significativas como os pais, familiares, professores [...] pessoas que representam o ‘querer ser’ [...] seus modelos”. A fala da jovem Pâmela ilustra isto:

Mas, com certeza, tem professores ali que eu gostaria de ser! Em primeiro lugar, eu colocaria o professor Luiz Both. Eu acho que ele faz você se apaixonar pela Química: ‘Química Orgânica’. É um professor que eu admiro em tudo! Tanto no jeito de dar aula, organização, disciplina. A outra é professora! Não vamos citar só professor! É a parte de organização, disciplina no início, com a professora Euwirinha! Lá na frente, a professora Eliane é extremamente exigente! Pegava no pé! Mas, depois, vem conversar, que tem que exigir! Esses professores eu acho que marcaram muito meu curso técnico em Química. Têm a minha admiração.

No curso técnico em Química do Cefet-MT, existem as “figuras significativas” d@s professor@s, com quem @s jovens se identificaram, representando-@s como verdadeiros modelos do “querer ser”: competentes, organizad@s, disciplinad@s e exigentes. Nesta identificação, não deixaram de ver objetivamente as particularidades do fazer profissional e outros fatores que compõem este fazer, ou seja, não idealizaram figuras sem base na realidade, confundindo, muitas vezes, a pessoa com o fazer. Observe a colocação anterior de Levenfus (op. cit., p. 120) na fala da jovem Raquel:

Carla! Ela é amiga e é uma boa profissional. Quando é hora da gente conversar sobre amizade, sobre a vida, a gente conversa. Quando é hora de estudar, todo mundo da nossa sala parava pra escutar ela falar! Então, não é assim um professor que brinca! E você acha que é brincadeira o tempo inteiro. Não! Ela tem o mo-

mento certo! Então, ela era muito nossa amiga, e chegava a hora de ela: ‘Não, eu tenho que falar uma coisa pra vocês’. Todo mundo da nossa sala virava pra ela: ‘Pode falar!’’. Então, eu acho que ela é um exemplo pra mim.

@s jovens conviveram no contexto sociocultural e socioeducativo do curso técnico em Química do Cefet-MT com essas figuras significativas, que @s ensinaram e prepararam para exercer uma profissão – a de técnic@ em Química.

Figura 10. O Contato Juvenil com o Professor.



Claramente colocados na fala da jovem Milena estão os “modos de ser” que @s professor@s inspiram, revelando a feição, a inclinação, a habilidade e os bons modos, ou seja, ela desenha os modelos que a inspiraram na paisagem sociocultural e socioeducativa do curso:

Eu acho, não sei, porque é meio complicado, porque ali cada um tem uma maneira de ser que você admira. O Olavo mesmo, admiro a calma dele, aquela coisa de não se preocupar! A Carla, aquele jeito dela de ensinar claro: ela tem uma maneira de ensinar que eu ainda

não encontrei! Josias, aquela coisa de ‘vamos fazer assim, assado’, entendeu? A Marilu, pelo jeito dela: ‘Se vira!’ Assim! Ela não é um ‘se vira, não vou ensinar!’ É um: ‘Se vira! Se você tiver dúvida, eu venho! Te faço umas três perguntas antes, pra você ter mais dúvida ainda! Depois eu te explico’. Então, são professores que eu admiro.

Marcos, na convivência com @s professor@s, @s vê como espelhos, “modelos ideais”:

Porque os meus professores do técnico em Química, todos eles eu tive como espelho! Eles eu tenho como ideais assim! Tanto o professor Aquino, como um excelente profissional. Há o Josias também! Pessoas assim que tiveram uma formação muito boa, um amadurecimento muito bom na área! E eles puderam, assim, no curso técnico em Química, estar passando pra gente.

Júlio fala de uma convivência em que @s professor@s “são amig@s” que ajudam a aprender Química. Ato justificado pelo contato maior que tinham um com o outro no curso técnico em Química do Cefet-MT, comparado a um menor tempo de contato no Ensino Médio:

Era como se fossem amigos, entendeu? Os professores! Isso que eu também achava interessante lá! Era que existia um contato maior com o professor! Ele estava ali pra te ajudar, não tinha que dividir ele com trinta pessoas. A gente tinha um contato maior! A gente tinha uma manhã toda com o professor, tinha toda uma disposição pra você tá lá com ele conversando, tirando suas dúvidas. É, isso também facilitava! Às vezes, estava uma semana, duas, com o mesmo professor. Ia chegar até um certo ponto que essa convivência ia ficar muito... Aumentar os níveis de convivência! A se tornar amigos até.

Morgado (1992, p. 37), analisando a sedução na relação pedagógica, afirma:

Desta maneira, aos requisitos teórico-metodológicos que o professor precisa dominar para construir uma prática pedagógica competente e comprometida, acrescentar-se-ia um outro requisito: o preparo emocional necessário para lidar com os afetos que permeiem o exercício de sua função de mediador entre o aluno e o conhecimento.

Pelos depoimentos, @s jovens alun@s reconheceram a autoridade pedagógica d@s professor@s, evidenciada pelo respeito dedicado à figura professoral que colocou para el@s “modelos de disciplina e de organização”. Eles enxergaram tanto os “modelos professorais” de “querer ser” que os descreveram perfeitamente.

Observo, novamente, que a sedução na relação pedagógica emana tanto do professor quanto do aluno. Na verdade, sua expressão no interior do campo transferencial não é apenas inevitável, mas também é necessária para que a relação entre ambos se estabeleça. Dito de outro modo, a revivescência transferencial da relação original é a base emocional que cria as condições psicológicas para que, em princípio, a relação aconteça (ibid., p. 36).

OS RITOS VIVENCIAIS JUVENIS NA AMBIÊNCIA LABORATORIAL

O sexto eixo faz a junção dos cinco anteriormente apresentados, a fim de obter o desenho dos ritos vivenciais juvenis na ambiência laboratorial. Roberto Da Matta (1978, p. 19) conta como ocorre a iniciação ritual de jovens:

[...] os noviços são retirados da aldeia e ficam acampados longe dos olhos de todos os seus parentes. Morrem socialmente e são assim separados do mundo cotidiano. No seu acampamento, ficam sob a orientação de instrutores e formam grupos monossexuais, pois ali tem-se uma sociedade de homens, onde deve reinar a concórdia e a instrução [...] No seu acampamento, os noviços recebem seus emblemas de metades e ganham também o direito de escolher um ‘amigo’, ficando para sempre

ligado a este companheiro de ritual. É formando esta espécie de sociedade invertida (onde [...] os grupos são monossexuais, onde todos vivem aprendendo e em harmonia) que o período liminal das sociedades [...] se revela. Ali, em pleno cerrado e no meio de uma existência temporariamente marginal (ou liminal), os jovens não só aprendem os modelos mais básicos do seu sistema, mas, fazendo isso, descobrem uma forma alternativa de viver socialmente num mundo onde as famílias e as crianças desaparecem e com elas as diferenças que constituem a principal raiz dos seus conflitos cotidianos. Por isso, as iniciações e os períodos liminais são formas paradoxais. Ao mesmo tempo que inculcam valores e reprimem sentimentos, elas também apontam na direção de sistemas de comportamento alternativos.

Algo semelhante ocorreu com @s jovens no laboratório de Química, conforme será demonstrado a seguir. Arnold Van Gennep (1978, p. 37) assim define a “porta”: “De maneira mais precisa, é possível dizer que a porta é o limite entre o mundo estrangeiro e o mundo doméstico, quando se trata de uma habitação comum, entre o mundo profano e o mundo sagrado, no caso de um templo”. Já os “atributos de liminaridade” são assim definidos por Victor W. Turner (1974, p. 117):

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Assim, a liminaridade freqüentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade.

Falar da condição limiar é falar de não ter uma classificação e de um ser que não tem localização de status, estado e posição na sociedade contemporânea.

@s jovens, quando chegaram à “porta” do laboratório de Química, estavam no “estado de liminaridade”: eram *personae*⁹ liminares, sujeit@s do ritual, neófit@s para os ritos. Para entrar, atravessaram a soleira do local – “assim, ‘atravessar a soleira’ significa ingressar em um mundo novo” (VON GENNEP, 1978, p. 37) – para viver o “rito de passagem” (ibid., p. 37), caracterizado por três fases distintas: 1. Separação; 2. Margem; e 3. Agregação:

1. Primeira Fase – Rito de Separação: Segundo Victor W. Turner (1974, p. 116), “[...] abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um ‘estado’), ou ainda de ambos”.

Caracterizando o período “pré-liminar” – fase preparatória inicial – @s jovens tiveram que vivenciar os “ritos preliminares” configurados nos “ritos de *separação* do mundo anterior”, profano, firmados nos “ritos de purificação”, pois, el@s, antes de entrarem no ambiente laboratorial da Química, tiveram que retirar as “impurezas” através: da colocação de camisas com botões fechados, da calça constituída de tecido rígido e de sapatos de couro; da prisão de cabelos longos; da retirada de maquilagem, adereços, tais como anéis, pulseiras, brincos e penduricalhos constituídos de metais ou de outro material qualquer para, finalmente, colocar a véstia¹⁰, ornamentada com todos os “adornos” exigidos: comprimento até o joelho, mangas longas e de tecido de cor branca.

2. Segunda Fase – Ritos de Margem: Segundo Victor W. Turner (1974, p. 116-117), “[...] durante o período ‘limiar’ intermédio, as características do sujeito ritual (o ‘transitante’) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro”.

O primeiro contato direto com o ambiente laboratorial da Química caracteriza o período liminar – fase preparatória intermediária. Agora, @s jovens não sabem nada, pois o que lá se vai ensinar é curioso ao seu olhar, portanto, inicialmente, tiveram que vivenciar o conhecimento do

9 Pessoas.

10 O jaleco: para sua proteção dentro do lugar sagrado – o interior do santuário.

ambiente por meio de uma cerimônia inaugural dirigida sempre pelos “mais sábios do local” – professor@s deuses que ditam regras rígidas a serem seguidas no ambiente laboratorial de Química para que, no final da cerimônia, o “conhecimento químico”, a “disciplina” e a “organização” tenham sido incorporados.

3. Terceira Fase – Ritos de Agregação: Ainda segundo Victor W. Turner (1974, p. 117), nesta fase,

[...] consuma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e ‘estrutural’, esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições.

Caracteriza o período “pós-liminar” vivenciar, a cada dia, um novo rito de aprendizagem teórica e prática no laboratório de Química, em interação com @s professor@s. Ao longo de dois anos, @s jovens foram, paulatinamente, adquirindo bagagens sociais pela práxis.

@s jovens incorporaram o papel de técnic@s em Química por meio dos ritos anteriormente descritos, que exigiram: atenção, cuidados, estudo e dedicação no período temporal de vivência em um local encantado aos seus olhares e de curiosidade ao seu tato. “O papel dá forma e constrói tanto a ação quanto o ator. É difícilimo fingir neste mundo. Normalmente, uma pessoa incorpora o papel que desempenha” (BERGER, 1986, p.111).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

@s jovens constataram a Química no contexto sociocultural e socio-educativo do curso técnico em Química do Cefet-MT, como nunca antes haviam tido, por meio de aulas práticas no laboratório, que, geralmente, são negadas aos alunos do Ensino Médio brasileiro. A jovem Milena, na sua visão a respeito da Química, comprova essa vivência:

Então! Mas acho que sim: nessa visão mesmo de ver a Química por um outro lado! Que eu nunca gostei de pegar livro (de Química) no meu segundo grau. Falava: 'Graças a Deus eu não vou estudar isso'. Já no curso técnico em Química, gostei da Química em si! Dessa coisa de processar! Fazer! Poder trabalhar em varias áreas! Você saber de onde saem as coisas! Você processar! Então, eu achei interessante essa coisa! De fazer! Saber de onde vinham as coisas.

As falas juvenis demonstram o requinte, a organização e a sacralidade do ambiente laboratorial. Impressionam pela riqueza de detalhes, ao construir perfeitamente o que foi observado, tocado e sentido no laboratório de Química – uma experiência que permite pensar que seja igual à vivida em outros cursos que possuem um ambiente laboratorial.

Essa vivência se transformou em um ato de encantamento para @s jovens, que o transpuseram para um espaço sagrado, configurado no ambiente laboratorial, distante do espaço profano de suas vidas cotidianas. Mircea Eliade (2001, p. 25) assim distingue o espaço sagrado do profano:

Para o homem religioso, *o espaço não é homogêneo*: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. 'Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa' (Êxodo, 3: 5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência 'forte', significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso, essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é *real*, que existe *realmente* – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.

Comparando as experiências dos dois espaços, “a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’” (ibid., p. 27) que possibilita, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação

do mundo” – o “viver real”. E a experiência profana, ao contrário, manterá a homogeneidade e, portanto, a relatividade do espaço: “Já não é possível nenhuma *verdadeira* orientação, porque o ‘ponto fixo’ já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias” (ibid., p. 27). O grave nesta condição é que os sujeitos são reificados diante de uma transcendência que os desautoriza a qualquer ato válido de liberdade e vontade. Trata-se do império da subserviência.

A revelação do espaço sagrado pela experiência “tem um valor existencial para o homem religioso, porque nada pode começar, nada se pode *fazer* sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo” (ibid., p. 26); “a experiência religiosa da não-homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma ‘fundação do mundo’” (ibid., p. 25). Trata-se de uma memória do fato ou mito fundador que dá sentido e existência à realidade.

Ora, a delimitação espacial rígida de um espaço controlado retoma a idéia de um ponto fixo, de um eixo real que implica no fundamento da realidade toda e, conseqüentemente, na destituição de sentido de qualquer outro ponto no espaço. Trata-se do estabelecimento da contingência absoluta d@ químico@ ou d@s alun@s no laboratório, subsumid@s por uma realidade que @s aliena e @s desconstitui como seres humanos, como seres reais.

De tudo quanto diz Eliade (2001), pode-se perceber o estabelecimento da territorialidade do laboratório, espaço sagrado, e a circunscrição de todos os sujeitos como dessacralizados e destituídos de qualquer poder ontológico que possa rivalizar com as normas e condutas emanadas deste Centro.

Nesta “ambiência”, presume-se, com Eliade (2001), que o espaço vivido no interior do laboratório é diferente daqueles da aglomeração humana que envolviam @s jovens anteriormente, e que se trata de um espaço-tempo construído por el@s e do qual participaram. Julga-se, pelo exposto até aqui, que os vários lados de dentro do ambiente laboratorial constituem um espaço-tempo diferente por comportar vários aspectos sagrados. Como falar de uma dimensão sagrada no espaço laboratorial se não se falar em uma dimensão oculta para a sociedade? Pelas falas d@s jovens, enxergar este espaço é reverenciar com el@s o sagrado.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Clayte de Paula. *Jovens, ensino superior e vestibular*: egressos do curso técnico em química do Cefet-MT no curso de química da UFMT. Cuiabá, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Educação – UFMT.
- BERGER, Peter L. *Perspectivas sociológicas*: uma visão humanista. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. ; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução* – Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- _____. A juventude é apenas uma palavra. In: (Org.). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. *As regras da arte*: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- _____. (Coord.). *A miséria do mundo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Escritos de educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- DA MATTA, Roberto. Apresentação. In: VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEVENFUS, Rosane Schotques et al. *Psicodinâmica da escolha profissional*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- MORGADO, Maria Aparecida. Sobre a sedução na relação pedagógica. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá-MT: EdUFMT, a. 1, n. 1, 1992.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

